

FAZER-SE LEITOR, FAZER-SE MEDIADOR: A LEITURA DE LITERATURA NA ESCOLA

CAMILA AUGUSTA VALCANOVER*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

JULIANA APARECIDA MELO ALMEIDA SILVA MANGUSSI**


Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.


Recebido em: 30 maio 2023. Aprovado em: 29 jun. 2023.

Como citar este artigo: VALCANOVER, C. A.; MANGUSSI, J. A. M. A. S. Fazer-se leitor, fazer-se mediador: a leitura de literatura na escola. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 2, p. 99-111, maio/ago. 2023. doi: 10.5935/cadernosletras.v23n2p99-111

Resumo

O presente trabalho propõe a reflexão sobre o papel do professor enquanto formador de leitores críticos e humanizados. Com base nos estudos de Freire

* E-mail: camilavalcanover@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-3319-3844>

** E-mail: julianaapma@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-2977-3122>

(2011, 2019a, 2019b), Fonseca (2018) e Rego (2021), sugere-se o debate sobre a mediação como processo de formação do leitor, evidenciando o papel do professor. Considerando as contribuições de Candido (2011), Freire e Guimarães (2011) e Cosson (2014a, 2014b), ressalta-se a importância do texto literário como uma das formas de humanização do indivíduo. Por fim, destaca-se a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) como eixo organizador do trabalho com a literatura, permitindo, à esteira de Freire, o estímulo do senso crítico para a construção de uma educação libertadora.

Palavras-chave

Professor. Formação do leitor. Educação libertadora.

INTRODUÇÃO

Compartilhar experiências de leitura é importante para a construção de sentido, para o incentivo à leitura e também para vivenciar a dimensão socializadora da literatura que proporciona o sentimento de pertencimento a uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. Sob o ponto de vista do elemento humanizador, a literatura está apta a promover mudanças e corroborar para a construção do pensamento social, exercendo papel ímpar na função de provocar o leitor, de convocá-lo à consciência da própria existência.

Ao se referir ao elemento humanizador, é imprescindível destacar o papel do mediador, que promove interações cooperativas, significativas, motivadoras aos sujeitos leitores mais inexperientes, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da capacidade de os alunos-sujeitos lerem o mundo e refletirem sobre ele. Sobre isso, destaca-se a basilar contribuição da obra de Vygotsky ao se referir ao mediador como aquele que possibilita experiências e interações entre os sujeitos.

Espera-se, com este estudo, fazer uma reflexão sobre a literatura como uma das condições de humanização, mediadas pelo professor enquanto formador de leitores, ao propor leituras mais intencionais e significativas, atentando-se ao que a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) propõe.

A metodologia e a organização da pesquisa consistem em contextualizar a importância do texto literário, considerando as contribuições de Candido

(2011), Freire e Guimarães (2011) e Cosson (2014a, 2014b) e os contributos de Freire (2011, 2019a, 2019b), Fonseca (2018) e Rego (2021). Finaliza-se com a reflexão sobre algumas habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e sua articulação com o trabalho docente, tendo em vista a emergência não somente da formação do leitor de literatura, como do apreciador e criador de literatura.

A LEITURA LITERÁRIA E A CONDIÇÃO DE HUMANIZAÇÃO

Candido (2011) afirma que a literatura atua no caráter e na formação do sujeito, a ponto de ser considerada como um bem incompreensível, já que corresponde a necessidades profundas do ser humano, podendo atuar como condição de humanização, corroborando com Freire (2019a), como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, constituindo um direito a qualquer cidadão. A formação do leitor crítico torna-se questão frequente de discussão de educadores, o que vem aumentar o interesse dos docentes de Língua Portuguesa pelo tema. Trata-se não somente de formar leitores, mas de formar cidadãos que possam participar e atuar na história do país.

Sob uma perspectiva freiriana, quando se pensa na formação crítica do educando, depreende-se não apenas o ensinar a ler e a escrever, mas sim (re)ler e (re)escrever a sociedade: “Isto é, desenvolver uma compreensão crítica do próprio processo histórico, político, cultural, econômico e social em que as massas estão inseridas” (Freire; Guimarães, 2011, p. 61). Para Freire (2019a, p. 56), é necessário compreender a “linguagem como caminho de invenção da cidadania”, motivo que reforça a importância de os educadores progressistas sustentarem suas práticas docentes na consciência da realidade vivida pelos educandos, do seu “aqui” e do seu “agora”, sem reduzir a aprendizagem a um simples conhecer de letras, palavras e frases vazias, alheias ao mundo.

Dessa forma, entende-se que o trabalho com os textos literários em sala de aula, por exemplo, não deve ser feito por um viés meramente historiográfico e de análise estruturalista, pois a literatura, enquanto fenômeno de linguagem e direito humano (Candido, 2011), favorece o alargamento do olhar sobre si mesmo e o outro. Segundo Candido (2011, p. 182), esse processo é denominado humanização, pois:

[...] confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

É principalmente no ambiente escolar que se inicia a apropriação da leitura e da escrita no viés do letramento. Esse processo prossegue pela vida e tem como objetivo a formação dos educandos para que compreendam a cultura que os rodeia, questionem e interajam de forma mais qualitativa com a comunidade em que vivem. Assim, a escola precisa propor o trabalho baseado na experiência estética e poética com a palavra, além de construir abordagens pedagógicas adequadas para promover a apropriação de ferramentas socioculturais, como a escrita e a leitura. Trata-se do letramento literário. Ler um texto literário é, também, aprender a ler o mundo e o outro, porque “aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as ações humanas” (Cosson, 2014a, p. 40).

Como explica Cosson (2014a), o letramento literário não se limita a um saber sobre literatura ou sobre obras literárias. É uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço. Cosson (2014b, p. 104) enuncia a tarefa do professor: “[...] criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos”.

Formar leitores capazes de aderir ao pacto ficcional é função do professor-mediador, que permite a construção de caminhos entre o texto literário e o leitor. A contribuição da literatura na formação de leitores competentes passa pela efetivação de práticas pedagógicas de leitura que tenham o letramento como eixo norteador.

Considerando como uma das maiores finalidades da escola a de incentivar o pensamento a trabalhar fora do automatismo, o texto literário pode contribuir de modo significativo, uma vez que representa, além de estímulos à imaginação e à expressividade, um desafio de construção de sentidos possíveis. Será no processo de interação, propiciado pela mediação feita pelo professor leitor, que ocorrerá a formação da comunidade de leitores, um dos objetivos centrais do letramento literário.

A FORMAÇÃO DO LEITOR: A MEDIAÇÃO COMO ATRIBUTO INDISPENSÁVEL

Nas sociedades letradas, a necessidade da leitura e da escrita é cada vez maior. Estamos imersos em um universo de mensagens escritas que exigem o desenvolvimento de competências. Saber ler é indispensável para a efetiva inserção do indivíduo na sociedade. Dessa maneira, considera-se que o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra, nem apenas na localização e repetição de conteúdos específicos de um texto, na leitura linear e literal, mas que, segundo Freire (2019a, p. 105):

Ler um texto é algo mais sério, mais demandante. Ler um texto não é 'passear' licenciosamente, pachorrentamente, sobre as palavras. É aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde, determinado.

Assim, para que a leitura possibilite a ampliação dos conhecimentos e contribua para a formação do sujeito, o indivíduo precisa utilizar procedimentos de leitura, de modo a dialogar com o texto, concordar e discordar das ideias escritas, sendo capaz de utilizar as suas experiências para construir sentidos ao que o texto lhe traz.

Sobre essas experiências já construídas pelo sujeito, Freire as denomina “leitura de mundo”, que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 2011, p. 19-20).

Dessa forma, a leitura é primordial para a constituição do sujeito, uma vez que, por meio dela, o homem pode dizer a própria palavra, como elemento de transformação pessoal e do mundo, humanizando-o: “[...] constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui, instaurando o mundo em que se humaniza, humanizando-o” (Freire, 2019b, p. 17).

Ao dizer que a leitura contribui para a constituição de um sujeito que busca ser e estar no mundo em colaboração com o outro, é imprescindível

destacar a importância do mediador, neste artigo nomeado como professor, para que contribua significativamente para o desenvolvimento da capacidade dos alunos-sujeitos de ler o mundo e refletir sobre ele. Sobre a mediação, Fonseca (2018, p. 81) pontua o que Vygotsky reforça:

[...] o papel das interações das crianças com as pessoas mais maduras, conhecedoras, peritas, treinadas (educadoras, professoras, mentores, tutores, etc.), dando relevância às interações com objetos, mas só se elas forem incluídas em um contexto social e desde que elas sejam mediatizadas por processos de comunicação com os outros indivíduos mais experientes e competentes e capacitados para ensinar.

Para o autor, a aprendizagem decorre das interações cooperativas com o professor (ser mais experiente) que exerce um “[...] papel ativo, intencional, transcendente, significativo, motivador, empático e mediatizador de conteúdos e mobilizador e motivador das interações com os pares” (Fonseca, 2018, p. 82).

Segundo Rego (2021), o papel do professor é de extrema relevância, já que é considerado o elemento mediador (e possibilitador) das interações entre os alunos. A autora destaca que o professor é o responsável (ainda que não exclusivamente) pela intervenção entre os alunos. É considerado como o parceiro privilegiado, por ter maior experiência, informações e a incumbência de tornar os conhecimentos acessíveis ao aluno. Dessa maneira, Rego (2021, p. 116) reverbera que:

[...] as demonstrações, explicações, justificativas, abstrações e questionamentos do professor são fundamentais no processo educativo. Isto não quer dizer que ele deva “dar sempre a resposta pronta”. Tão importante quanto seu fornecimento de informações e pistas, é a promoção de situações que incentivem a curiosidade das crianças, que possibilitem a troca de informações entre os alunos e que permitam o aprendizado das fontes de acesso ao conhecimento.

Corsino (2010, p. 186) pontua que a mediação de um adulto “[...] é o ponto-chave das primeiras leituras”, pois é ele que organiza o ambiente e que empresta sua voz ao texto, assim como seus gestos, entonações, intervenções, dando materialidade ao texto para a criança. Para ela, o mediador:

[...] é quem faz escolhas, quem dá voz às crianças durante a leitura, quem escuta e considera suas produções, quem faz mediações instigadoras,

quem coloca pontos de vista em discussão, quem provoca argumentações e narrativas, quem incita o diálogo entre os textos verbal e não verbal, quem abre e acolhe as múltiplas leituras (Corsino, 2010, p. 187).

Leal e Albuquerque (2010, p. 94) destacam que:

O professor, ao estimular o desenvolvimento dos modos de ler a obra literária, além de contribuir para a aprendizagem da literatura, ampliando o acervo textual de cada aluno, seus conhecimentos sobre a história da humanidade, os autores, os estilos, contribui para o desenvolvimento pessoal, das subjetividades, do “ser no mundo”, promovendo, ainda, o desenvolvimento de estratégias de leitura que podem ser usadas em muitas e variadas situações de interpretação textual.

Da mesma maneira, para Oliveira (2010), o professor como mediador é o especialista que precisa conhecer, selecionar e indicar livros para os alunos, assumindo o papel de responsável pela interação entre a criança e o objeto, principalmente nas séries iniciais. Cabe a ele “[...] empreender, de modo contínuo, sua autoformação e a interlocução com seus pares para ampliar as possibilidades literárias para si e para seus alunos” (Oliveira, 2010, p. 51).

Segundo a autora, o professor é o agente cultural e, portanto, “[...] “mediador entre os objetos e eventos culturais que devem estar a seu alcance, para que ele possa assim dar condições de, pelo menos, conhecer e dar a conhecer às crianças aspectos de sua cultura” (Oliveira, 2010, p. 51).

Sendo o livro um objeto cultural, o professor como mediador promove a socialização, a informação, a formação de opinião e o desenvolvimento da capacidade criadora e inventiva sobre as temáticas dos mais variados contextos, entusiasmando os alunos e seduzindo-os para a leitura, por conta da curiosidade do que está sendo lido.

Oliveira (2010) salienta que, para que o trabalho de mediação do professor seja eficaz, é necessário que ele leia atentamente a obra como um leitor comum, espontaneamente, sem, em um primeiro momento, pensar em sua utilização na sala de aula. Para a autora, é somente após o professor ter lido a obra e sentido o que ela pode oferecer, ou seja, após ter feito sua experiência como leitor, entusiasmado e emocionado, que poderá planejar sua atuação no momento da atividade da leitura.

Assim, ao se considerar o papel fundamental da mediação pelo professor, algumas perguntas podem ajudá-lo a organizar as atividades de leitura para

que elas sejam significativas e contribuam para a formação do sujeito. Dentre elas, sugerimos as seguintes:

- Qual o meu objetivo ao escolher esse texto ou esse livro para os meus alunos?
- O que espero dos meus alunos com a leitura dessa obra?
- A minha escolha contribuirá para a formação humana dos meus alunos?
- Eles se sentirão entusiasmados com essa leitura?
- Minha escolha leva em consideração os contextos e os interesses dos meus alunos?
- Que relações poderão ser estabelecidas com a leitura dessa obra e o mundo que nos cerca?
- A leitura promoverá reflexões aos meus alunos que contribuirão para a sua formação?

É primordial que os objetivos de leitura sejam intencionais e, para isso, além de decidir *sobre o que ler e para que ler* com os alunos, o *como ler* deve estar claro para o professor, que como mediador poderá usar estratégias para deixar brotar a sensibilidade dos leitores, estimulando as crianças a construir uma relação afetiva com a literatura. Sobre isso, Oliveira (2010) afirma que o professor mediador contribui para a formação dos alunos em todos os aspectos, “[...] especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence” (Oliveira, 2010, p. 41).

MEDIAR E FORMAR O LEITOR NA PERSPECTIVA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

O atual cenário educacional precisa estar atento às inúmeras demandas da sociedade no que tange à formação do sujeito. A escola precisa ser o espaço que propicia aprendizagem significativa, principalmente no que diz respeito às práticas que envolvem a língua materna, em que a literatura está inserida, nas quais os alunos são o centro do processo educativo e o professor, o mediador, conforme visto anteriormente.

Mediante esse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), documento que rege a educação brasileira, homologada em dezembro de 2017, destaca que a “[...] a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo/vivenciando” (Brasil, 2018, p. 499). Conhecer o documento oficial que organiza e normatiza as aprendizagens essenciais do educando possibilita ao professor o trabalho com o texto literário em toda sua polissemia e complexidade, de modo a contribuir para a formação de um sujeito mais crítico e humanizado.

As competências propostas pelo documento ressaltam a importância da formação humanizadora, uma vez que [...] “pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2018, p. 25).

O documento ainda destaca a literatura como fonte de enriquecimento da percepção e ampliação da visão do mundo por meio das experiências pessoais e coletivas dos estudantes, permitindo a criação de um universo, aumentando a capacidade de ver e sentir, desenvolvendo o pensamento crítico e o protagonismo. Sobre isso, a competência de número 6 do Ensino Médio salienta:

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (Brasil, 2018, p. 496).

As habilidades dessa competência privilegiam a ampliação do repertório, a diversidade cultural e o posicionamento crítico e estético dos alunos. Práticas pedagógicas que permitam o contato com textos de gêneros variados, com múltiplas linguagens, vindos da literatura popular ou erudita, aproveitando o conhecimento de mundo e o conhecimento artístico dos alunos fazem com que a escola seja um espaço de aprendizagem e socialização.

As habilidades para o desenvolvimento do campo artístico-literário (EM13LP46 a EM13LP54) apresentam um conjunto de indicações de modos de ver e trabalhar o texto literário. Resumidamente: ampliação do repertório, compreensão da intertextualidade, horizontalização das leituras, valorização da

historicidade dos textos, incentivo às práticas de escrita literária, ampliação da tradição literária (literatura africana, afro-brasileira, indígena e contemporânea) e leitura e apreciação dos clássicos. Cabe ao professor-leitor fazer as escolhas (de leitura e metodológicas) que, além de desenvolver tais competências, auxiliem na formação do leitor de literatura.

Formar leitores de literatura requer que o professor-leitor atente para as mudanças didáticas necessárias: a centralidade do texto literário, a apreciação estética e o compartilhamento crítico entre os alunos. É preciso que o tempo didático crie espaço para as elaborações cognitivas acerca do texto literário e para as manifestações apreciativas, o que deriva das competências que os alunos já trazem consigo e que precisam ser amadurecidas e/ou aprofundadas. Não à toa, a escrita literária aparece em várias habilidades previstas para todo o Ensino Médio, como a habilidade EM13LP47, que prevê a socialização de “obras da própria autoria” (Brasil, 2018, p. 525) e a EM13LP54:

Criar obras autorais, em diferentes gêneros, e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, *fanfics*, *fanclipses* etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário (BRASIL, 2018, p. 525).

Compreender o modo como as habilidades e competências previstas para o desenvolvimento do componente curricular Língua Portuguesa na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) estão descritas e articuladas é primordial para um trabalho significativo de leitura, uma vez que requer que o professor perceba as mudanças exigidas na própria compreensão do que é literatura e qual a sua função na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destacou a importância da literatura que, como direito de todos e se bem mediada, é capaz de contribuir para a formação integral do sujeito, uma vez que, como poder humanizador, permite abrir caminhos para a reflexão, ter um olhar mais aguçado para a realidade, compreender o homem e o mundo e desenvolver a função crítica, possibilitando ter consciência de si, para dizer a sua palavra.

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita (Lerner, 2002, p. 73).

Outrossim, a própria BNCC (Brasil, 2018), documento que rege a educação brasileira, reconhece nas práticas de leitura literária o “seu potencial transformador e humanizador” (Brasil, 2018, p. 87), como destacado por Candido (2011) e Freire (2019a) no decorrer desta reflexão, além de salientar a relevância do campo artístico-literário, relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas, as quais são indispensáveis para a formação de sujeito crítico.

Por fim, nesse processo de formação de sujeito, é indiscutível a necessidade de que o professor (considerado o principal mediador no processo de leitura) seja um sujeito leitor, atento às demandas da sociedade e dos processos educacionais, que compartilha seus posicionamentos sem, contudo, impô-los, conhecendo a obra que levará aos alunos, a partir de perguntas intencionais que contribuirão para o ensino, valorizando as vivências e experiências dos sujeitos, abordando os aspectos da complexidade humana de maneira crítica e significativa.

Aluno como protagonista e professor como mediador de leitura literária enriquecem a experiência estética promovida pelo texto literário.

Making oneself a reader, making oneself a mediator: reading literature in school

Abstract

The present work aims to reflect on the role of teachers as facilitators of critical and humanized readers. Drawing on the studies of Freire (2011, 2019a, 2019b), Fonseca (2018), Rego (2021), among others, it proposes a discussion on the process of mediation as a means to cultivate readers, highlighting the pivotal role of teachers. Additionally, considering the contributions of Candido (2011), Freire and Guimarães (2011) and Cosson (2014a, 2014b), the significance of literary texts in nurturing individual humanization is underscored. Lastly, the National Common Curricular Base (Brasil, 2018) emerges as the guiding

framework for literature education, aligning with Freire's ideals of stimulating critical thinking to promote liberating education.

Keywords

Teachers. Literature Education. Liberating Education.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: fev. 2023.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CORSINO, P. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (coord.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 183-204.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014a.

COSSON, R. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014b.

FONSECA, V. da. *Desenvolvimento cognitivo e processo de ensino-aprendizagem: abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 60. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. Literatura e formação de leitores na escola. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (coord.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 89-106.

LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, A. A. de. O professor como mediador das leituras literárias. *In*: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (coord.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 41-54.

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 8. impressão. Petrópolis: Vozes, 2021.